



**Phoebe  
Collings-James**

*Nature Boy*

07.02.2026 – 10.05.2026



Desde 2019, Collings-James desenvolve, juntamente com a prática de ceramistas negros. Ao passo que responde ao desejo pessoal e coletivo de aprender e criar no seio de uma comunidade de ascendência africana, Muddelly é também indício de um esforço de resistência e construção, que contribui para a transmissão e preservação de saberes ancestrais através de uma troca que não envolve dinheiro, reafirmando implicitamente a necessidade de criar outros métodos de transmissão do saber. Esse saber não é apenas o da cultura “alta”, mas um corpo de conhecimentos práticos e teóricos que se fertilizam reciprocamente. As palavras e frases que aparecem na superfície das suas esculturas, em muitos casos quase ilegíveis, como fragmentos à deriva nas ondas de um mar tempestuoso, aludem a esse corpus magmático e plural de referências e inspirações que surgem, às vezes, de maneira quase insintiva, mais poética do que reflexiva.

Desde 2019, Collings-James desenvolve, juntamente com a prática de ceramistas negros, sociais e raciais.

história da cerâmica a partir do seu valor cultural, mas também das suas implicações económicas, sociais e raciais.

também um discurso mais coeso e robusto, que engloba uma releitura da Ao mesmo tempo que podem gritar e cantar, estas esculturas articulam um grito ou talvez um diálogo silencioso, mas direto, com o observador: alongado e a boca aberta no que pode ser interpretado como um canto, esculturas da série *Infidel* são caracterizadas, na sua maioria, pelo piscoço. Para além das diferenças, em alguns casos bastante significativas, as

enfiu, em processos contínuo e orgânico de crescimento e transformação. Podem parecer remeter à forma de órgãos internos ou de plantas, a “corpos vivos”, podem ser definidas como antropomorfas ou zoomorfas, mas também contexto análogo, ao mesmo tempo onírico e fora do tempo. As suas feições produçãõ recente e desta exposição, é um ser surgido evidentemente de um sonho”, diz Collings-James. *Infidel* [Infel], personagem recorrente da sua

de espírito que que ela evoca, e no que é convocado por este título de um *nature* forneceu o título à exposição. “Estou a pensar na letra da música, no estado

Sylvia Wynne, Aime Césaire, Beverly Buchanan, Barrington Levy, Terry

Aqui convivem poetas, pensadores, artistas e músicos, incluindo é bastante caraterística da prática de Collings-James.

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe, distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas, suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras, maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

**Phoebe Collings-James**

*Nature Boy*

# Phoebe Collings-James

**Phoebe Collings-James**

*Nature Boy*

Phoebe Collings-James’ works appear as part of the world, permeated with

African and Caribbean ceramic techniques, is characteristic of their practice

armour and masks from Yoruba and Makonde cultures, created using

coexistence of distant and disparate sources of inspiration, such as Roman to be no room for watertight compartments. The deliberately ambiguous more like a face or a mask than a torso. In the artist’s poems, there seems worked with great freedom until it becomes almost abstract, in some cases

sculptures is that of the armour, moulded in clay from manequins, then until exhaustion. Over several years, a recurring motif in Collings-James’

performances, by dancing on the canvases and painting with their feet, is present in the very genesis of the paintings, produced in private

can be read as evidence of resistance, almost like scars or tattoos. This idea across the works, in which iron rich pigments and glazes predominate,

alongside love, desire and liberation. The signs and marks that appear openly, sometimes subtly — to the need for confrontation and struggle,

everyday life. Their ceramic forms and paintings allude — sometimes the same contradictions and frictions we continually experience in our

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

implicações.

the perspective of its cultural value, but also its economic, social, and racial

discourse, encompassing a reinterpretation of the history of ceramics from

silou and sing, these sculptures also articulate a more cohesive and robust

perhaps a silent but direct dialogue with the observer. While they can

neck and an open mouth that can be interpreted as a song, a cry, or

the sculptures in the *Infidel* series are mostly characterized by an elongated

transformation. Beyond the differences, in some cases quite significant,

to “living bodies”, in a continuous and organic process of growth and

and timels. His features could be defined as anthropomorphic

*Infidel*, a recurring character in Collings-James’ recent work, is a being that

gender sippage, love, journeying, futurey, and dreaming”, says the artist.

the world. Speaking to a vivid, seeking inquiry, thoughts revolve around

provided the title for the exhibition. “I am thinking about the song lyrics,

Barrington Levy, Terry Adkins, or Nat King Cole, whose song *Nature Boy*

practice, including Sylvia Wynne, Aime Césaire, Beverly Buchanan,

Poets, thinkers, artists and musicians coexist in Collings-James’

African and Caribbean ceramic techniques, is characteristic of their practice

armour and masks from Yoruba and Makonde cultures, created using

coexistence of distant and disparate sources of inspiration, such as Roman

to be no room for watertight compartments. The deliberately ambiguous

more like a face or a mask than a torso. In the artist’s poems, there seems

worked with great freedom until it becomes almost abstract, in some cases

sculptures is that of the armour, moulded in clay from manequins, then

until exhaustion. Over several years, a recurring motif in Collings-James’

performances, by dancing on the canvases and painting with their feet,

is present in the very genesis of the paintings, produced in private

can be read as evidence of resistance, almost like scars or tattoos. This idea

across the works, in which iron rich pigments and glazes predominate,

alongside love, desire and liberation. The signs and marks that appear

openly, sometimes subtly — to the need for confrontation and struggle,

everyday life. Their ceramic forms and paintings allude — sometimes

the same contradictions and frictions we continually experience in our

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

implicações.

the perspective of its cultural value, but also its economic, social, and racial

discourse, encompassing a reinterpretation of the history of ceramics from

silou and sing, these sculptures also articulate a more cohesive and robust

perhaps a silent but direct dialogue with the observer. While they can

neck and an open mouth that can be interpreted as a song, a cry, or

the sculptures in the *Infidel* series are mostly characterized by an elongated

transformation. Beyond the differences, in some cases quite significant,

to “living bodies”, in a continuous and organic process of growth and

and timels. His features could be defined as anthropomorphic

*Infidel*, a recurring character in Collings-James’ recent work, is a being that

gender sippage, love, journeying, futurey, and dreaming”, says the artist.

the world. Speaking to a vivid, seeking inquiry, thoughts revolve around

provided the title for the exhibition. “I am thinking about the song lyrics,

Barrington Levy, Terry Adkins, or Nat King Cole, whose song *Nature Boy*

practice, including Sylvia Wynne, Aime Césaire, Beverly Buchanan,

Poets, thinkers, artists and musicians coexist in Collings-James’

African and Caribbean ceramic techniques, is characteristic of their practice

armour and masks from Yoruba and Makonde cultures, created using

coexistence of distant and disparate sources of inspiration, such as Roman

to be no room for watertight compartments. The deliberately ambiguous

more like a face or a mask than a torso. In the artist’s poems, there seems

worked with great freedom until it becomes almost abstract, in some cases

sculptures is that of the armour, moulded in clay from manequins, then

until exhaustion. Over several years, a recurring motif in Collings-James’

performances, by dancing on the canvases and painting with their feet,

is present in the very genesis of the paintings, produced in private

can be read as evidence of resistance, almost like scars or tattoos. This idea

across the works, in which iron rich pigments and glazes predominate,

alongside love, desire and liberation. The signs and marks that appear

openly, sometimes subtly — to the need for confrontation and struggle,

everyday life. Their ceramic forms and paintings allude — sometimes

the same contradictions and frictions we continually experience in our

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins

com os pés, até à exaustão. Há já alguns anos, um motivo recorrente nas

produzidas em performances privadas, com danças sobre as telas e pintura

de esforço está, inclusive, na própria génese das pinturas, que foram

como indícios de resistência – quase como cicatrizes ou tatuagens. É a ideia

onde predominam pigmentos e vidrados ricos em ferro, podem ser lidos

de amor, desejo e libertação. Os signos e marcas que aparecem nas obras,

maneira ora aberta, ora subtil, à necessidade de embate e luta, mas também

nosso quotidiano. As suas esculturas em cerâmica e pinturas aludem, de

permeada pelas mesmas contradições e fricções que experimentamos no

A obra de Phoebe Collings-James emerge como parte do mundo,

Yoruba e Makonde, realizadas através de técnicas africanas e do Caribe,

distantes e dispares como armaduras romanas e máscaras das culturas

estancues: a convivência propositalmente ambígua de fontes de inspiração

torsos. Na sua poética não parece haver espaço para compartimentos

em alguns casos mais parecidas com torsos ou máscaras do que com

e depois trabalhadas com grande liberdade até se tornarem quase abstratas,

suas esculturas é o das couraças, moldadas em argila a partir de manequins